

A ILLUS

TRE

CASA

PANDA BOOKS

DE

RAMI

RES

PANDA BOOKS

A ILUS

TRE

**ção de
queirós**

CASA

**textos
informativos:
fátima
mesquita**

DE

RAMI

RES



© Panda Books

Direção editorial

*Marcelo Duarte
Patth Pachas
Tatiana Fulas*

Gerente editorial

Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais

*Henrique Torres
Lais Cerullo*

Assistente de arte

Samantha Culceag

Projeto gráfico e capa

Casa Rex

Diagramação

Carla Almeida Freire

Estabelecimento de texto

Ronald Polito

Notas

Fátima Mesquita

Edição das notas

Joaci Pereira Furtado

Revisão

*Beatriz de Freitas Moreira
Vanessa Oliveira Benassi
Ronald Polito*

Fotos

*P. 14: © Jebulon/Wikimedia Commons/
domínio público; p. 29: © Andy Morffew/Flickr/
CC BY-SA 2.0; p. 69: © Ángel M. Felicísimo/
Flickr/CC BY-SA 2.0; p. 105: © Chris Wegerif,
Agathe Wererif-Gravstein e J.Th. Uiterwijk
& Co./Rijksmuseum/domínio público; p. 117:
© Joel Zar/Pexels/domínio público; p. 136: ©
Jens Mohr/Hallwylska Museet/SHM CC BY-SA
4.0; p. 144: © Instituto Histórico e Geográfico
de Vila Velha – Casa da Memória/Midioteca
Capixaba/domínio público; p. 227: © Édouard
Hue/Wikimedia Commons/CC BY-SA 3.0; p.
267: © Максим Шанин/Wikimedia Commons/
CC BY-SA 4.0; p. 289: © Joseolgon/Wikimedia
Commons/CC BY-SA 4.0.*

Impressão

Corprint

Este livro foi estabelecido com base na primeira edição,
de 1900, publicada por De Lello e Irmãos, Porto, Portugal.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q41i

Queirós, Eça de, 1845-1900

A ilustre casa de Ramires / Eça de Queirós. – 1. ed. – São
Paulo: Panda Books, 2024. il.; 23 cm.

ISBN 978-65-5697-311-1

1. Ficção portuguesa. I. Título.

24-88963

CDD: P869.3
CDU: 82-3(469)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439



2024

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma
sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é
crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim “clássico” mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que “clássico” eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra “clássico”. A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: “Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva”.

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um “clássico” já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais “clássicos da literatura brasileira” eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

PROMOÇÃO DE BRACADA: COMPRE 1 E LEVE 2

Confesso, sem que ninguém precise nem pensar em me beliscar, que eu tinha uns cinquenta pés atrás com tudo o que era Eça de Queirós. Mas lendo o danadinho de coração e mente abertos, acabei aos poucos me apaixonando pra valer pela ironia que escorre das páginas feito enchente de janeiro, pela capacidade do cara de colocar a gente dentro da cena e sentir até o cheiro de um cavalo suado, e pela absoluta viagem no tempo – modelo premium-top-ouro-black-platinado – que ele proporciona. Ecinha é simplesmente tudo de bom e mais um troco!

Então, fica aqui meu mais sincero convite pra você desvestir qualquer preconceito que por acaso traga consigo amarrado no peito ou na cabeça, pra assim poder pular neste livro como quem se joga numa piscina linda num dia de calor fervente fazendo um *splash!* daqueles. E deixa que siga contigo como uma boia colorida pra ajudar a driblar qualquer palavra loucamente desconhecida do português lá de Portugal, dar olés aquáticos em toda construção antiga, cheirando a mofo, dos 1800, e ainda driblar n'água os brutos casos da mais pura falta de contexto. Estamos combinados?

Então bora nadar, que, se já não fosse muito, este aqui é um livro tipo promoção de supermercado: é um verdadeiro “compre 1 e leve 2”, porque é um livro que tem um segundo livro embutido em seus parágrafos, o que, por si só, já é de um grande caramelo. Lambuzem-se, leitores!

SAIU MEIO MAL NA LARGADA

As coisas começaram meio tortas pro nosso José Maria de Eça de Queirós. Quando ele nasceu, no finalzinho de novembro de 1845, lá no interior de Portugal, a mãe o deixou para ser criado por uma ama. A certidão de nascimento do guri também saiu sem o nome dela – esse perrengue só foi ajeitado quando ele tinha quarenta anos. O rolo era que a mãe dele era de uma família metida a fina e que não aprovava o candidato a marido, um brasileiro que vinha de uma camada social mais baixa.

O casamento dos pombinhos só se desenrolou quando a mãe da mãe do Ecinha morreu. Nessa altura, o garoto já tinha quatro anos de idade. Mas se engana quem acha que com o casório Eça passou a viver com uma família toda fofa feito aquelas de anúncio de margarina. Que nada! O menino cresceu mesmo foi com os avós paternos, que tinham criados para cuidar do moleque. E, assim que possível, eles o despacharam de boa para um colégio interno, donde o guri só saiu quando fez dezesseis anos de idade.

Do internato, nosso autor foi direto para a Universidade de Coimbra. Lá, seguindo os passos do pai, estudou direito. O rapaz chegou até a montar escritório de advogado depois de formado, mas, assim que deu, ele mudou de carreira e se tornou diplomata.

Ainda na facul, Eça ficou amigo de uns parças interessados em fazer literatura e começou a publicar seus escritos em jornais e revistas de Portugal e do Brasil. Nosso autor até fundou umas duas publicações, mas foi a diplomacia que, de fato, sustentou o cara ao longo da vida.

COM O PÉ NESTE MUNDÃO DOIDO E GRANDE

Uma coisa que marcou demais a vida do Eça foi uma viagem ao Oriente que ele fez entre outubro de 1869 e janeiro do ano seguinte em companhia de um amigo, Luís de Castro, que depois se tornou seu cunhado – Luís era irmão de Emília, com quem Eça se casou. Já quarentão, eles se casaram em Paris e tiveram quatro filhos. Eça passou outras longas temporadas longe de Portugal por conta do trabalho como diplomata – além de na França, Eça morou em Cuba e na Inglaterra.

Em 1875, escreveu sua primeira novela realista: *O crime do Padre Amaro*. Depois foi a vez de *O mandarim*, redigido em Paris. E aí veio *Os Maias*, escrito enquanto ele trampava na Inglaterra. Eça morreu na França, em 16 de agosto de 1900. Hoje seus livros estão em quase todo o mundo, traduzidos em cerca de vinte línguas.

DANDO A REAL

O realismo foi um movimento, uma nova levada que surgiu na literatura da segunda metade do século XIX e que se opunha à fase literária anterior, que era o romantismo. No realismo, os escritores davam a real das coisas. A treta deles era observar e analisar o mundo tal como ele se apresentava e depois passar isso tudo direitinho para o papel.

Autores realistas adoravam meter ciência no meio de tudo e curtiavam dissecar mais o ambiente social que a natureza. Eles também não eram chegados a fru-fru. O amor era menos suspiros e palpitações e mais um desejo do corpo ou um jogo de aparências sociais. Na literatura deles não havia espaço para ninguém posar de herói. As descrições falavam de coisas fedidas, quebradas e sujas. De gente normal, com verruga no nariz, espinha na testa, gulosa, barriguda, que mentia e tinha defeitos.

Satírico, crítico, implacável e muitas vezes genial, Eça causou polêmica no Portugal caretão daquela época. A Igreja Católica, em especial, vivia descendo sarrafo nele. Governantes e a intelectualidade tradicional faziam biquinho de “não curti” para os textos que publicava. Mas a verdade é que o público gostava e a obra dele resistiu ao tempo. Tanto que, ainda agora, quase 150 anos depois, cá estamos nós falando dele, né não?

DE VISITA NA CASA (E UM TIQUINHO DE GAME OF THRONES)

Neste volume, Eça nos convida a visitar a tradição por trás da heráldica Casa de Ramires: a história de uma família ilustre, com suas várias gerações, e também a história de Portugal. Como puxador do fio condutor dessa trama, a gente tem Gonçalo Ramires, uma espécie de *playboy* meio falido que não é nem um sujeito ruim, podreira, nem um bombom de bondade. Ele vive de privilégios e carrega o peso de não ser tão importante quanto foram seus antepassados e, por isso mesmo, representa muito bem seu país.

Veja você que Portugal, a certa altura do século XV, era uma grande potência. Esteve por aí mandando navios para todos os cantos do planeta, se achando a última garrafinha de água gelada do deserto. Algumas vezes, chegou nessas novas paragens e fechou bons negócios, aprendeu novidades impacantes, ampliou seus horizontes. Em outras paragens chegou se achando, posando de dono, se apropriando de tudo. Fez muito mal a muita gente, lucrou escravizando seres humanos, torturou, estuprou e matou pessoas. Apesar de tudo isso ser muito errado, viu que tinha poder e dinheiro no bolso, e o povo português daquele tempo se orgulhava muito disso. É certo que hoje não sairia escravizando ninguém, mas é certeza também que, coletivamente, existe ainda uma saudade daquela grandeza, de se sentir um *player* com certa importância no jogo do mundo. E este livro fala muito disso.

Ao lado de uma significativa parte histórica, este livro fala também de como era a vida no dia a dia, como era namorar, se apaixonar, o que as pessoas faziam, o que comiam, o

que vestiam, como eram as baladas no interior e na capital do século XIX lá em Portugal. E vai contrapondo isso ao Gonçalo Ramires suando para escrever um livro contando as batalhas heroicas que seus antepassados enfrentaram – que ameí demais ler, com todo aquele astral de guerra medieval, tipo *Game of Thrones* mesmo. E, ao fazer esse vaivém no tempo, a gente percebe como a vida do Gonçalo é pequena e como ele vai pisando em minas explosivas.

Notou como o livro é antigão e também muito atual? Pois essa é a própria definição de um clássico! É por tudo isso que repito: vem logo mergulhar nestas letrinhas que você vai gostar – e muito!

E fique de olho no molho que todos os livros da coleção de Clássicos da Língua Portuguesa trazem na **lateral das páginas**, bem juntinho ao texto principal: definições de palavras mais cabeçadas, sugestões de vídeos e googladas que podem ser bem legais para quem estiver se sentindo mais curioso, além de desenhos, fotos e notinhas que dão contexto às tretas todas. Isso tudo vai dissolvendo possíveis mistérios e dificuldades que às vezes podem pipocar, abrindo a possibilidade para você nadar de braçada texto afora.

Fátima Mesquita

 Fotos para contextualizar a cena.

 Sugestões de pesquisa na internet.

 Comentários curtos e curiosidades.

 Dicas de vídeos para assistir on-line.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

PANDA BOOKS

SUMÁRIO

I	13
II	36
III	67
IV	96
V	128
VI	183
VII	212
VIII	240
IX	259
X	281
XI	330
XII	351

PANDA BOOKS

I

Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de junho, o Fidalgo da Torre, em chinelos, com uma **quinzena** de linho envergada sobre a camisa de chita cor-de-rosa, trabalhava. Gonçalo Mendes Ramires (que naquela sua velha aldeia de Santa Ireneia, e na vila vizinha, a asseada e vistosa Vila Clara, e mesmo na cidade, em Oliveira, todos conheciam pelo “Fidalgo da Torre”) trabalhava numa novela histórica, *A Torre de D. Ramires*, destinada ao primeiro número dos *Anais de Literatura e de História*, revista nova, fundada por José Lúcio Castanheiro, seu antigo camarada de Coimbra, nos tempos do **Cenáculo** Patriótico, em casa das Severinas.

A Livraria, clara e larga, **escaiolada** d’azul, com pesadas estantes de pau-preto onde repousavam, no pó e na gravidade das lombadas de **carneira**, grossos **fólios** de convento e de foro, respirava para o pomar por duas janelas, uma de peitoril e **poiais** de pedra almofadados de veludo, outra mais rasgada, de varanda, frescamente perfumada pela madres-

E Quinzena é um tipo de paletó.

E Cenáculo é uma reunião de pessoas com ideias semelhantes.

E Escaiola é uma massa de gesso, cola e corante usada desde a época dos romanos para dar cara de mármore às paredes.

E Carneira é a pele do carneiro. Era comum usá-la nas capas de livros.

E Fólio é o livro formado por cadernos de quatro páginas, obtidas com o in-fólio, ou seja, quando a folhona de impressão é dobrada ao meio.

E Poial é uma prateleira ou algo que sirva para apoiar coisas.

E Damasco é um tipo de tecido chique.

Tomo: volume, fascículo.

E Essa pena tinha um bico de metal para moer na tinta e escrever.

E Cunhal é a quina da parede.

f Ameia é o intervalo, no alto das muralhas, para vigiar e atacar.



Miradoira: mirante.

Solar: mansão, palacete.

E Genealogista é o especialista em história das famílias.

E Morgado é o filho único ou mais velho.

g Cidadelhe é uma aldeia portuguesa a cerca de cem quilômetros do Porto.

Coevo: contemporâneo.

E Linha varonil é a descendência do sexo masculino.

silva que se enroscava nas grades. Diante dessa varanda, na claridade forte, pousava a mesa – mesa imensa de pés torneados, coberta com uma colcha desbotada de **damasco** vermelho, e atravancada nessa tarde pelos rijos volumes da *História genealógica*, todo o *Vocabulário* de Bluteau, **tomos** soltos do *Panorama*, e ao canto, em pilha, as obras de Walter Scott sustentando um copo cheio de cravos amarelos. E daí, da sua cadeira de couro, Gonçalo Mendes Ramires, pensativo diante das tiras de papel almaço, roçando pela testa a rama da **pena** de pato, avistava sempre a inspiradora da sua novela – a Torre, a antiquíssima Torre, quadrada e negra sobre os limoeiros do pomar que em redor crescera, com uma pouca d'hera no **cunhal** rachado, as fundas frestas gradeadas de ferro, as **ameias** e a **miradoira** bem cortadas no azul de junho, robusta sobrevivência do paço acastelado, da falada Honra de Santa Ireneia, **solar** dos Mendes Ramires desde os meados do século X.

Gonçalo Mendes Ramires (como confessava esse severo **genealogista**, o **morgado** de **Cidadelhe**) era certamente o mais genuíno e antigo fidalgo de Portugal. Raras famílias, mesmo **coevas**, poderiam traçar a sua ascendência, por **linha varonil** e sempre pura, até aos vagos Senhores que entre Douro e Minho mantinham castelo e terra murada quando os barões francos desceram, com pendão e calde-



ra, na **hoste do Borguinhão**. E os Ramires entroncavam limpidamente a sua casa, por linha pura e sempre varonil, no filho do Conde Nuno Mendes, aquele agigantado Ordonho Mendes, senhor de Treixedo e de Santa Ireneia, que casou em 967 com Dona Elduara, Condessa de Carrion, filha de Bermudo, o *Gotoso*, Rei de Leão.

Mais antigo na Espanha que o Condado Portucalense, rijamente, como ele, crescera e se afamara o Solar de Santa Ireneia – resistente como ele às fortunas e aos tempos. E depois, em cada lance forte da História de Portugal, sempre um Mendes Ramires avultou grandiosamente pelo heroísmo, pela lealdade, pelos nobres espíritos. Um dos mais esforçados da linhagem, Lourenço, por alcunha o *Cortador*, **colaço** de Afonso Henriques (com quem na mesma noite, para receber a **pranchada** de cavaleiro, velara as armas na Sé de Zamora), aparece logo na batalha d'Ourique, onde também avista Jesus Cristo sobre finas nuvens d'ouro, pregado numa cruz de dez **côvados**. No cerco de Tavira, Martim Ramires, freire de Santiago, arromba a golpes de **acha** um **postigo** da Couraça, rompe por entre as **cimitarras** que lhe decepam as duas mãos, e **surde na quadrela da torre albarrã**, com os dous

Esse trecho se refere à independência de Portugal, ocorrida em 1140. A história começa em 868, na luta contra os muçulmanos, que ocupavam a Península Ibérica (onde hoje ficam Portugal e Espanha). Nessa luta, comandada por nobres cristãos, pequenos reinos foram sendo formados à medida que os muçulmanos eram expulsos, reinos que, inclusive, brigavam entre si. A expressão "hoste do Borguinhão" se refere às tropas (hostes) de Henrique de Borgonha, pai de Afonso Henriques, o nobre que emancipou Portugal do reino de Leão e Castela.

E Colaço é um amigação, um chegada.

E Pranchada é o toque de espada que o rei dá no ombro de alguém para conceder-lhe um título de nobreza.

E Côvado é uma unidade de medida equivalente a 66 centímetros.

E Acha é uma arma parecida com o machado.

Postigo: portinha.

E Cimitarra é uma espada curva típica dos árabes.

E Ou seja, surge (surde) na murada (quadrela) da torre de vigia (albarrã).



E Traduzindo: os antemuros (barbacãs) da muralha lotados (erichadas) de arqueiros (frecheiros).

Folgar: divertimento.

D. Leonor Teles era casada com João Lourenço da Cunha quando o rei Fernando I (1367-83) de Portugal se apaixonou por ela. Ele mexeu os pauzinhos e anulou aquele casamento, para poder se casar com Leonor. Só que a população não gostou da armação e a tratava como adúltera, ou seja, esposa que traía o antigo marido com o rei.

E Traduzindo: vários (troço) soldados armados com bestas (besteiros), um tipo de arco e flecha.

E Adiantado-mor é uma espécie de governador com poder militar.

E Traduzindo: destruída (derribado) a bandeira (pendão).

Lide: combate, disputa.

Virote: flecha curta.

E Ou seja: parte mais alta (castelo), imóvel (hirto), na frente do barco (proa).

pulsos a esguichar sangue, bradando alegremente ao Mestre: – “D. Paio Peres, Tavira é nossa! Real, Real por Portugal!”. O velho Egas Ramires, fechado na sua Torre, com a levadiça erguida, as **barbacãs erichadas de frecheiros**, nega acolhida a El-Rei D. Fernando e Leonor Teles que corriam o Norte em **folgares** e caçadas – para que a presença da **adúltera** não macule a pureza extrema do seu solar! Em Aljubarrota, Diogo Ramires, o **Trovador**, desbarata um **troço de besteiros**, mata o **adiantado-mor** de Galiza, e por ele, não por outro, cai **derribado o pendão** real de Castela, em que ao fim da **lide** seu irmão d’armas, D. Antão d’Almada, se embrulhou para o levar, dançando e cantando, ao Mestre d’Avis. Sob os muros d’Arzila combatem magnificamente dois Ramires, o idoso Sueiro e seu neto Fernão, e diante do cadáver do velho, trespassado por quatro **virote**s, estirado no pátio da alcáçova ao lado do corpo do Conde de Marialva – Afonso V arma juntamente cavaleiros o Príncipe seu filho e Fernão Ramires, murmurando entre lágrimas: “Deus vos queira tão bons como esses que aí jazem...”. Mas eis que Portugal se faz aos mares! E raras são então as armadas e os combates do Oriente em que se não esforce um Ramires – ficando na lenda trágico-marítima aquele nobre capitão do Golfo Pérsico, Baltasar Ramires, que, no naufrágio da *Santa Bárbara*, reveste a sua pesada armadura, e no **castelo de proa, hirtto**,



se afunda em silêncio com a nau que se afunda, encostado à sua grande espada. Em Alcácer-Quibir, onde dous Ramires sempre ao lado d'El-Rei encontram morte soberba, o mais novo, Paulo Ramires, **pajem** do **Guião**, nem lesado nem ferido, mas não querendo mais vida pois que El-Rei não vivia, colhe um **ginete** solto, apanha uma acha d'armas, e gritando: – “Vai-te, alma, que já tardas, servir a de teu senhor!” – entra na **chusma mourisca** e para sempre desaparece. Sob os Filipes, os Ramires, amuados, bebem e caçam nas suas terras. Reaparecendo com os Braganças, um Ramires, Vicente, governador das Armas d'Entre Douro e Minho por D. João IV, **mete a** Castela, destroça os espanhóis do Conde de Venavente, e toma Fuente Guiñal, a cujo furioso saque preside da varanda dum convento de Franciscanos, **em mangas de camisa**, comendo talhadas de melancia. Já, porém, como a nação, degenera a nobre raça... Álvaro Ramires, **valido** de D. Pedro II, brigão façanhudo, atordoa Lisboa com arruaças, furta a mulher dum **Vedor da Fazenda** que mandara matar a pauladas por pretos, incendeia em Sevilha depois de perder cem **dobrões** uma **casa de tavolagem**, e termina por comandar uma **urca** de piratas na frota de Murad, o *Maltrapilho*. No reinado do Snr. D. João V Nuno Ramires brilha na Corte, ferra as suas mulas de prata, e arruína a casa celebrando sumptuosas festas de Igreja, em que canta no coro vestido com o **hábito** de Irmão Terceiro de S. Francisco. Outro Ramires, Cristóvão, Presidente da Mesa de Consciência e Ordem, **alcovita** os amores d'El-Rei D. José I com a filha do Prior de Sacavém. Pedro Ramires, provedor e feitor-mor das Alfândegas, ganha fama em todo o Reino pela sua obesidade, a sua **chalaça**, as suas proezas de glutão no Paço da Bemposta com o arcebispo de **Tessalônica**. Inácio Ramires acompanha D. João VI ao Brasil como **reposteiro-mor**, negocia em negros, volta com um baú carregado de peças d'ouro que lhe rouba um administrador, antigo frade capuchinho, e morre no seu solar da cornada de um boi. O avô de Gonçalo, Damião, doutor liberal **dado às Musas**, desembarca com D. Pedro no Mindelo, compõe as empoladas proclamações do Partido, funda um jornal, o *Antifrade*, e depois das Guerras Civis arrasta uma existência reumática

Pajem: criado, escudeiro.

Guião: bandeira, pendão.

Ginete: cavalo de raça.

E Ou seja, multidão (chusma) de mouros (mourisca), povos muçulmanos que ocuparam a Península Ibérica.

Meter a: ir para.

E “Em mangas de camisa” é quase nu.

Valido: protegido, afilhado.

E Vedor da Fazenda era um fiscal de impostos.

E Dobrão foi uma antiga moeda de ouro.

E Casa de tavolagem é um cassino.

E Urca é um grande navio de transporte.

Hábito: traje religioso.

E Alcovitar é encontrar uma amante.

Chalaça: gozação, troça.

g Tessalônica é uma cidade grega fundada em 315 a.C.

E Reposteiro-mor era o fidalgo que levava uma almofada ou cadeira para a realza se ajoelhar ou sentar.

E “Dado às Musas” quer dizer que ele era poeta.

E Capotão de briche era um casacão longo de tecido grosso e preto.

E Vernáculo é a língua do país.

E Léxico é um dicionário de grego e latim.

E Simonte é tabaco em pó para cheirar, rapê.

E “Com um R” equivale a ser reprovado na escola.

E Algarvio é quem nasceu em Algarve, região ao sul de Portugal.

8 O Cabo de Santa Maria fica no sul de Portugal, e o de Sileiro fica ao norte, sendo hoje território espanhol.

E Claustro é o pátio interno de mosteiros, conventos, catedrais etc.

Aluvião: enxurrada, inundação.

E Estrangeirismo é o uso de palavras ou expressões estrangeiras ao falar ou escrever.

Cacete: porrete, bordão.

E “Guitarrista”, aqui, é quem toca guitarra portuguesa, parente do violão.

em Santa Ireneia, embrulhado no seu **capotão de briche**, traduzindo para **vernáculo**, com um **léxico** e um pacote de **simonte**, as obras de Valerius Flaccus. O pai de Gonçalves, ora Regenerador, ora Histórico, vivia em Lisboa no Hotel Universal, gastando as solas pelas escadarias do Banco Hipotecário e pelo lajedo da Arcada, até que um Ministro do Reino, cuja concubina, corista de S. Carlos, ele fascinara, o nomeou (para o afastar da Capital) Governador Civil de Oliveira. Gonçalves, esse, era bacharel formado **com um R** no Terceiro Ano.

E nesse ano justamente se estreou nas Letras Gonçalves Mendes Ramires. Um seu companheiro de casa, José Lúcio Castanheiro, **algarvio** muito magro, muito macilento, de enormes óculos azuis, a quem Simão Craveiro chamava o “Castanheiro Patriotinheiro”, fundara um semanário, a *Pátria* – “com o alevantado intento (afirmava sonoramente o prospecto) de despertar, não só na mocidade acadêmica, mas em todo o país, do **cabo Sileiro ao cabo de Santa Maria**, o amor tão arrefecido das belezas, das grandezas e das glórias de Portugal!”. Devorado por essa ideia, “a sua Ideia”, sentindo nela uma carreira, quase uma missão, Castanheiro incessantemente, com ardor teimoso de apóstolo, clamava pelos botequins da Sofia, pelos **claustros** da Universidade, pelos quartos dos amigos entre a fumaça dos cigarros, – “a necessidade, caramba, de reatar a tradição! de desatulhar, caramba, Portugal da **aluvião do estrangeirismo!**”. Como o semanário apareceu regularmente durante três domingos, e publicou realmente estudos recheados de grifos e citações sobre as *Capelas da Batalha*, a *Tomada d’Ormuz*, a *Embaixada de Tristão da Cunha*, começou logo a ser considerado uma aurora, ainda pálida mas segura, de Renascimento Nacional. E alguns bons espíritos da Academia, sobretudo os companheiros de casa do Castanheiro, os três que se ocupavam das cousas do saber e da inteligência (porque dos três restantes um era homem de **cacete** e forças, o outro **guitarrista**, e o outro “premiado”), passaram, aquecidos por aquela chama patriótica, a esquadriñar na Biblioteca, nos grossos tomos nunca dantes visitados de Fernão Lopes, de Rui de Pina, d’Azurara, proezas e lendas – “só portuguesas, só nossas (como suplicava o Castanheiro), que refizessem



à nação abatida uma consciência da sua heroicidade!”. Assim crescia o Cenáculo Patriótico da casa das Severinas. E foi então que Gonçalo Mendes Ramires, moço muito afável, **esvelto** e loiro, duma brancura são de porcelana, com uns finos e risonhos olhos que facilmente se enterneciam, sempre elegante e apurado na **batina** e no verniz dos sapatos – apresentou ao Castanheiro, num domingo depois do almoço, onze tiras de papel intituladas *D. Guiomar*. Nelas se contava a velhíssima história da castelã, que, enquanto longe nas guerras do Ultramar o **castelão** barbudo e **cingido de ferro** atira a acha d’armas às portas de Jerusalém, recebe ela na sua câmara, com os braços nus, por noite de maio e de lua, o pajem de anelados cabelos... Depois rugue o inverno, o castelão volta, mais barbudo, com um **bordão de romeiro**. Pelo **vilico** do castelo, homem espreitador e de amargos sorrisos, conhece a traição, a mácula no seu nome tão puro, honrado em todas as **Espanhas!** E aí do pajem! aí da dama! Logo os sinos **tangem a finados**. Já no **patim** da alcáçova o **verdugo**, de capuz escarlata, espera, encostado ao machado, entre dous **cepos** cobertos de **panos de dó**... E no final choroso da *D. Guiomar*, como em todas essas histórias do **Romanceiro** d’Amor, também brotavam rente às duas sepulturas, escavadas no ermo, duas roseiras brancas a que o vento enlaçava os aromas e as rosas. De sorte que

Esvelto: esbelto, elegante.

B **Batina** é o uniforme de alguns universitários portugueses, inspirada na roupa dos padres.

B **Castelão** é o dono de castelo.

B “**Cingido de ferro**” é vestido com armadura.

B **Bordão de romeiro** é o cajado usado por quem segue a pé na romaria.

B **Vilico** é quem administra vila.

B **Espanhas** é o jeito antigo de se referir à Espanha, por ser formada por vários reinos.

B “**Tanger a finados**” é badalar os sinos da igreja do jeito com que se anuncia um falecimento.

Patim: pequeno pátio.

Verdugo: algoz, carrasco.

B **Cepo** é um pedaço de tronco de árvore cortado na horizontal.

B **Panos de dó** são roupas de luto.

B **Romanceiro** é um tipo de narrativa surgido na Idade Média.

E Os godos eram uma tribo germânica de onde hoje fica a Escandinávia.

E Traduzindo: Fala sério (bofé)! Mente na cara de pau (pela gorja).

Murzelo: cavalo preto.

E Ou seja, túnica medieval (saio) esbranquiçada (alvadio).

E Beguino era um tipo de religioso que, sem ser padre ou freira, vivia na pobreza e pedia esmolas.

E Cogula é uma túnica com capuz.

E Ou seja, cobradores de impostos reais (ovençais) calculando (sopesando) o peso.

E Traduzindo: criados da despensa (uchões) despedaçando (espostejando) lustrosos (nédios) lombos de porco (cerdo).

Terso: asseado, lavado.

E O *Bobo e O Monge de Cister* são romances do português Alexandre Herculano (1810-77).

8 Bretanha e Aquitânia são duas regiões da atual França.

8 Douro e Cávado são duas regiões de Portugal.

(como notou José Lúcio Castanheiro, coçando pensativamente o queixo) não ressaltava nesta *D. Guiomar* nada que fosse “só português, só nosso, abrolhando do solo e da raça!”. Mas esses amores lamentosos passavam num solar de Ribas-Côa: os nomes dos cavaleiros, Remarigues, Ordonho, Froilás, Gutierres, tinham um delicioso sabor **godo**: em cada tira ressoavam bravamente os genuínos: “**Bofé!... Mentos pela gorja!... Pajem, o meu murzelo!...**”: e através de toda esta vernaculidade circulava uma suficiente turba de cavaliços com **saio alvadio, beguino** sumidos na sombra das **cogulas, ovençais sopesando** fartas bolsas de couro, **uchões esposteando nédios lombos de cerdo**... A novela portanto marcava um salutar retrocesso ao sentimento nacional.

– E depois (acrescentava o Castanheiro) este velhaco do Gonçalinho surde com um estilo **terso**, másculo, de boa cor arcaica... D’ótima cor arcaica! Lembra até o **Bobo, o Monge de Cister!...** A *Guiomar*, realmente, é uma castelã vaga, da **Bretanha ou da Aquitânia**. Mas no vilico, mesmo no castelão, já transparecem portugueses, bons portugueses de fibra e d’alma, dentre **Douro e Cávado**... Sim senhor! Quando o



Gonçálinho se enfronhar dentro do nosso passado, das nossas crônicas, temos enfim nas Letras um homem que sente bem o **torrão**, sente bem a raça!

D. Guiomar encheu três páginas da *Pátria*. Nesse domingo, para celebrar a sua entrada na literatura, Gonçalo Mendes Ramires pagou aos camaradas do Cenáculo e a outros amigos uma ceia – onde foi aclamado, logo depois do frango com ervilhas, quando os moços do Camolino, esbaforidos, renovavam as garrafas de **Colares**, como “o nosso **Walter Scott!**”. Ele, de resto, anunciara já com simplicidade um romance em dois volumes, fundado nos **anais** da sua Casa, num rude feito de sublime orgulho de Tructesindo Mendes Ramires, o amigo e **alferes-mor** de D. Sancho I. Por temperamento, por aquele saber especial de trajes e **alfaia**s que revelara na D. Guiomar, até pela antiguidade da sua linhagem, Gonçálinho parecia gloriosamente **votado** a restaurar em Portugal o Romance Histórico. Possuía uma missão – e começou logo a passear pela calçada, pensativo, com o gorro sobre os olhos, como quem anda reconstruindo um mundo. No **ato** desse ano levou o R.



Torrão: pátria, terra natal.

E Colares é um vinho da região de mesmo nome, perto de Lisboa.

8 Pai do romance histórico, Walter Scott (1771-1832) é um autor escocês de sucessos como *A dama do lago* e *Ivanhoé*.

E Anais são registros do que vai acontecendo ano após ano.

E O alferes-mor na época de Sancho I, era um alto oficial que carregava a bandeira do rei em batalhas e cerimônias públicas.

Alfaia: enfeite, ornamento.

Votado: dedicado, consagrado.

E Ato era uma antiga prova de fim de ano na universidade.

E Vegetar, aqui, significa não fazer nada.

8 Fernão Lopes (1380-1460) e Gomes Eanes de Azurara (1410-74) foram dois cronistas históricos de Portugal.

Apóstolo: pregador, divulgador.

8 Georges Ohnet (1848-1918) foi um autor francês de romances muito populares, mas sem reconhecimento de seu pares.

Em 1826, Portugal criou as Cortes Gerais, compostas pela Câmara dos Deputados, os membros eleitos, e Câmara dos Pares, os indicados pelo monarca para ficar a vida toda. O Diário das Câmaras era o livrão que registrava os discursos dessa galera toda.

E Traduzindo: algo sem valor (reles), feito sem pensar (leviandade) e típico dos jacobinos, opositores radicais da aristocracia na Revolução Francesa.

8 Choupal, em Coimbra, é a mata plantada em 1791 para conter as cheias do rio Mondego.

8 Penedo da Saudade é um parque e mirante de Coimbra que tem vários poemas em placas de pedra.

Quando regressou das férias para o Quarto Ano já não refervia na Rua da Matemática o cenáculo ardente dos Patriotas. O Castanheiro, formado, **vegetava** em Vila Real de Santo António: com ele desaparecera a *Pátria*; e os moços zelosos que na Biblioteca esquadriavam as **Crônicas de Fernão Lopes e de Azurara**, desamparados por aquele **apóstolo** que os levantava, recaíram nos romances de **Georges Ohnet** e retomaram à noite o taco nos bilhares da Sofia. Gonçalo voltava também mudado, de luto pelo pai que morrera em agosto, com a barba crescida, sempre afável e suave, porém mais grave, averso a ceias e a noites errantes. Tomou um quarto no Hotel Mondego, onde o servia, de gravata branca, um velho criado de Santa Ireneia, o Bento: – e os seus companheiros preferidos foram três ou quatro rapazes que se preparavam para a Política, folheavam atentamente o **Diário das Câmaras**, conheciam alguns enredos da Corte, proclamavam a necessidade duma “orientação positiva” e dum “largo fomento rural”, consideravam como **leviandade reles e jacobina** a irreverência da Academia pelos Dogmas, e, mesmo passando ao luar no **Choupal** ou no **Penedo da Saudade**, discorriam com ardor sobre os dous chefes



de Partido – o Brás Vitorino, o homem novo dos **Regeneradores**, e o velho Barão de S. Fulgêncio, chefe clássico dos **Históricos**. Inclinado para os Regeneradores, porque a Regeneração lhe representava tradicionalmente ideias de conservantismo, de elegância culta e de generosidade, Gonçalves frequentou então o Centro Regenerador da Couraça, onde aconselhava à noite, tomando chá preto, “o fortalecimento da autoridade da Coroa”, e “uma forte expansão colonial!”. Depois, logo na primavera, desmanchou alegremente esta gravidade política: e ainda **tresnoitou**, na taberna do Camolino, em bacalhoadas festivas, entre o estridor das guitarras. Mas não aludiu mais ao seu grande romance em dois volumes: e ou recuara ou se esquecera da sua missão d’Arte Histórica. Realmente só na Páscoa do Quinto Ano retomou a pena – para lançar, na *Gazeta do Porto*, contra um seu **patricio**, o Dr. André Cavaleiro, que o Ministério do S. Fulgêncio nomeara Governador Civil de Oliveira, duas correspondências muito **acerbas**, dum rancor intenso e pessoal (a ponto de **chasquear** “a feroz bigodeira negra de S. Ex.^a”). Assinara JUVENAL, como outrora o pai, quando publicava comunicados políticos d’Oliveira nessa mesma *Gazeta do Porto*, jornal amigo, onde um Vilar Mendes, seu remoto parente, redigia a *Revista Estrangeira*. Mas lera aos amigos no Centro – “os dous botes decisivos que atirariam o Snr. Cavaleiro abaixo do seu cavalo!”. E um desses moços sérios, sobrinho do bispo de Oliveira, não disfarçou o seu assombro:

– Oh Gonçalves, eu sempre pensei que você e o Cavaleiro eram íntimos! Se bem me lembro quando você chegou a Coimbra, para os **Preparatórios**, viveu na casa do Cavaleiro, na Rua de S. João... Pois não há uma amizade tradicional, quase histórica, entre Ramires e Cavaleiros?... Eu pouco conheço Oliveira, nunca andei para os vossos sítios; mas até creio que Corinde, a **quinta** do Cavaleiro, pega com Santa Ireneia!

E Gonçalves enrugou a face, a sua risonha e lisa face, para declarar secamente que Corinde não pegava com Santa Ireneia: que entre as duas terras corria muito justificadamente a **ribeira** do Coice: e que o Snr. André Cavaleiro, e sobretudo

Em 1822, Portugal se tornou uma monarquia constitucional parlamentarista, havendo um(a) regente e um presidente do conselho dos ministros. D. Maria II foi rainha de 1826 a 1853, e um dos presidentes do conselho foi Antônio da Costa Cabral, que ficou no cargo só de junho de 1849 a abril de 1851, pois sofreu um golpe de Estado encabeçado pelo marechal João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun. O período após esse golpe até 1868 foi conhecido como a Regeneração, quando surgiram, então, dois partidos políticos: o dos Regeneradores e o dos Históricos.

Tresnoitar é passar a noite em claro, dormir mal.

Patricio: conterrâneo.

Acerbo: amargo, azedo.

Chasquear: zombar, debochar.

Preparatório era um curso para entrar na universidade.

Quinta: sítio, chácara.

Ribeira: córrego, riozinho.

Hipoteca é a oferta de um bem, em geral um imóvel, como garantia de um empréstimo.

Foro: direito, prerrogativa.

O dinheiro em Portugal foi o real ("réis, no plural) de mais ou menos 1580 até a implantação da República em 1910.

Empecer: dificultar, estorvar.

A repartição dos Próprios Nacionais era parte do Ministério da Fazenda português da época e tomava conta do patrimônio do Estado.

Defecado: emagrecido, depauperado.

Macilento: magro, anêmico.

Condigno: devido, merecido.

Sobraçar: amparar, sustentar.

Cavaqueira: conversa, palestra.

Sôfrego: ansioso, impaciente.

Avoengo: ancestral, antepassado.

Estacar: parar, empacar.

Cavalo, era um animal detestável que pastava na outra margem! – O sobrinho do bispo saudou e exclamou:

– Sim senhor, boa piada!

Um ano depois da formatura, Gonçalo foi a Lisboa por causa da **hipoteca** da sua quinta de Praga, junto a Lamego, que certo **foro** anual de dez **réis** e meia galinha, devido ao abade de Praga, andava **empecendo** terrivelmente nos Conselhos do Banco Hipotecário; – e também para conhecer mais estreitamente o seu chefe, o Brás Vitorino, mostrar lealdade e submissão partidária, colher algum fino conselho de conduta política. Ora uma noite, voltando de jantar em casa da velha Marquesa de Louredo, a "tia Louredo", que morava a Santa Clara, esbarrou no Rossio com José Lúcio Castanheiro, então empregado no Ministério da Fazenda, na **repartição dos Próprios Nacionais**. Mais **defecado**, mais **macilento**, com uns óculos mais largos e mais tenebrosos, o Castanheiro ardia todo, como em Coimbra, na chama da sua Ideia – "a ressurreição do sentimento português!". E agora, alargando a proporções **condignas** da capital o plano da *Pátria*, labutava devotadamente na criação duma revista quinzenal, de setenta páginas, com capa azul, os *Anais de Literatura e de História*. Era uma noite de maio, macia e quente. E, passeando ambos em torno das fontes secas do Rossio, Castanheiro, que **sobraçava** um rolo de papel e um gordo fólio encadernado em bezerro, depois de recordar as **cavaqueiras** geniais da Rua da Misericórdia, de maldizer a falta de intelectualidade de Vila Real de Santo Antônio – voltou **sofregamente** à sua Ideia, suplicou a Gonçalo Mendes Ramires que lhe cedesse para os *Anais* esse romance que ele anunciara em Coimbra, sobre o seu **avoengo** Tructesindo Ramires, alferes-mor de Sancho I.

Gonçalo, rindo, confessou que ainda não começara essa grande obra!

– Ah! murmurou o Castanheiro, **estacando**, com os negros óculos sobre ele, duros e desconsolados. Então você não persistiu?... Não permaneceu fiel à Ideia?...

Encolheu os ombros, resignadamente, já acostumado, através da sua missão, a estes desfalecimentos do patriotis-



mo. Nem consentiu que Gonçalo, humilhado perante aquela fé que se mantivera tão pura e servidora – aludisse, como desculpa, ao inventário laborioso da Casa, depois da morte do papá...

– Bem, bem! Acabou! **Procrastinare lusitanum est**. Trabalha agora no verão... Para portugueses, menino, o verão é o tempo das belas **fortunas**, e dos rijos feitos. No verão nasce **Nun'Álvares** no Bonjardim! No verão se vence em Aljubarrota! No verão chega o **Gama à Índia!**... E no verão vai o nosso Gonçalo escrever uma novelazinha sublime!... De resto os *Anais* só aparecem em dezembro, caracteristicamente no primeiro de dezembro. E você em três meses ressuscita um mundo. Sério, Gonçalo Mendes!... É um dever, um santo dever, sobretudo para os novos, colaborar nos *Anais*. Portugal, menino, morre por falta de sentimento nacional! Nós estamos imundamente morrendo do mal de não ser portugueses!

Parou – ondeou o braço magro, como a correia dum **látego**, num gesto que açoutava o Rossio, a Cidade, toda a Nação. Sabia o amigo Gonçalinho o segredo desta **borracheira** sinistra? É que, dos portugueses, os piores desprezavam a Pátria – e os melhores ignoravam a Pátria. O remédio?... Revelar Portugal, **vulgarizar** Portugal. Sim, amiguinho! Organizar, com estrondo, o **reclamo** de Por-

E Frase em latim para algo como “é típico dos portugueses deixar para depois”.

Fortuna: boa sorte, felicidade

Nuno Álvares Pereira (1360–1431) é o maior líder militar da história de Portugal. Ele ajudou a consolidar a independência do país e ficou rico, mas abriu mão de tudo e se meteu num convento, onde viveu só de fazer caridade. Por isso, em 1918, foi declarado santo pela Igreja Católica.

8 Vasco da Gama (1469-1524) foi o primeiro navegador português que saiu da Europa para ir de navio até a Índia.

Látego: chicote, açoite.

B Borracheira é uma coisa sem qualidade.

Vulgarizar: divulgar, popularizar.

Reclamo: anúncio, publicidade.

Pedro Augusto Franco (1833–1902) foi um farmacêutico português que depois de rico virou também político. Três produtos seus fizeram bastante sucesso: o “vinho nutritivo de carne”, que era um “fortificante digestivo”; a “farinha peitoral ferruginosa”, contra a “debilidade”; e o tal xarope pra tosse.

Já a fabricante de sabonetes Savonnerie des Nations, na França, lançou em 1883, naquele clima de colonialismo e descoberta de locais “exóticos”, um tal sabonete do Congo. O sucesso foi estrondoso e a empresa até mudou seu nome para Fábrica de Sabão do Congo.

tugal, de modo que todos o conheçam – ao menos como se conhece o **Xarope Peitoral de James**, hem? E que todos o adotem – ao menos como se adotou o **sabão do Congo**, hem? E conhecido, adotado, que todos o amem enfim, nos seus heróis, nos seus feitos, mesmo nos seus defeitos, em todos os seus padrões, e até nas **veras** pedrinhas das suas calçadas! Para esse fim, o maior a empreender neste apagado século da nossa história, fundava ele os *Anais*. Para berrar! Para **atroar** Portugal, aos **bramidos** sobre os telhados, com a notícia inesperada da sua grandeza! E aos descendentes dos que outrora fizeram

o Reino **incumbia**, mais que aos outros, o cuidado piedoso de o refazer... Como? Reatando a tradição, caramba!

– Assim, vocês! Por essa história de Portugal fora, vocês são uma **enfiada** de Ramires de toda a beleza. Mesmo o desembargador, o que comeu numa ceia de Natal dois leitões!... É apenas uma barriga. Mas que barriga! Há nela uma pujança heroica que prova raça, a raça mais forte *do que promete a força humana*, como diz **Camões**. Dois leitões, caramba!

Vero: verdadeiro, verídico.

Atroar: abalar, sacudir.

Bramido: rugido, uro.

Incumbir: atribuir, encarregar.

Enfiada: série, sequência.

Luís Vaz de Camões (1524–80), autor do poema épico *Os Lusíadas*, é considerado o maior escritor português. É de lá que vem a citação: “As armas e os Barões assinalados! Que da Ocidental praia Lusitana! Por mares nunca de antes navegados! Passaram ainda além da Taprobana, / Em perigos e guerras esforçados! Mais do que prometia a força humana”.



Até enternecer!... E os outros Ramires, o de **Silves**, o de Aljubarrota, os de **Arsila**, os da Índia! E os cinco valentes, de quem você talvez nem saiba, que morreram no **Salado!** Pois bem, ressuscitar estes **varões**, e mostrar neles a alma **façanhuda**, o querer sublime que nada verga, é uma soberba lição aos novos... Tonifica, caramba! Pela consciência que renova de termos sido tão grandes sacode este chocho consentimento nosso em permanecermos pequenos! É o que eu chamo reatar a tradição... E depois feito por você próprio, Ramires, que *chic!* Caramba, que *chic!* É um fidalgo, o maior fidalgo de Portugal, que, para mostrar a heroicidade da Pátria, abre simplesmente, sem sair do seu solar, os arquivos da sua Casa, velha de mais de mil anos. É **de rachar!**... E você não precisa fazer um grosso romance... Nem um romance muito desenvolvido está na índole militante da revista. Basta um conto, de vinte ou trinta páginas... Está claro, os *Anais* por ora não podem pagar. Também, você não precisa! E que diabo! não se trata de **pecúnia**, mas duma grande renovação social... E depois, menino, a literatura leva a tudo em Portugal. Eu sei que o Gonçalo em Coimbra, ultimamente, frequentava o Centro Regenerador. Pois, amigo, de folhetim em folhetim, se chega a S. Bento! A pena agora, como a espada outrora, edifica reinos... Pense você nisto! E adeus! que ainda hoje tenho de copiar, para letra cristã, este estudo do Henriques sobre **Ceilão**... Você não conhece o Henriques?... Não conhece. Ninguém conhece. Pois quando na Europa, nessas grandes Academias da Europa, há uma dúvida sobre a história ou a literatura **cingalesa**, gritam para cá, para o Henriques!

Abalou, agarrado ao seu rolo e ao seu tomo – e Gonçalo ainda o avistou, na porta e claridade da Tabacaria Nunes, agitando o braço esguio d'apóstolo diante dum sujeito obeso, de vasto colete branco, que recuava, com espanto, assim perturbado no quieto gozo do seu grosso charuto e da doce noite de maio.

O Fidalgo da Torre recolheu para o Bragança, impressionado, ruminando a ideia do Patriota. Tudo nela o seduzia – e lhe convinha: a sua colaboração numa revista

g Silves foi uma cidade portuguesa sob domínio dos mouros por muito tempo. Isso só acabou de vez no século XIII, em batalha liderada pelo rei Afonso III.

g Arsila é uma cidade marroquina tomada em 1471 pelos portugueses. Depois eles foram expulsos, mas insistiram e reconquistaram a cidade entre 1577 e 1589.

No século XIV, os marroquinos cis-maram de reconquistar terras que já haviam ocupado antes na Península Ibérica. Mas Portugal e Espanha se uniram e venceram, em uma batalha em Salado, no sul da Espanha, que virou um marco da disputa que rolou ali por séculos entre muçulmanos e cristãos.

t Varão, aqui, é um homem valeroso, destemido.

Façanhudo: corajoso, valente.

t "De rachar" é algo muito intenso.

Pecúnia: dinheiro, grana.

g Ceilão é o atual Sri Lanka, país da Ásia.

t Cingalês é quem nasce no Ceilão.

Abalar: retirar-se, sair.



Douto: culto, erudito.

Lente: professor universitário.

Vetusto: antigo, velho.

É uma referência à Dinastia dos Afonsinos (1096-1383), a primeira de reis portugueses, formada pela Casa de Borgonha. Tinha esse nome porque, dos nove reis que os Borgonha emplacaram, quatro se chamavam Afonso.

Alinhavar: esboçar, projetar.

E Carta de bacharel é o mesmo que diploma de advogado.

E Alvará de delegado era uma autorização assinada pelo rei ou ministro para alguém atuar como representante do governo.

Paço: solar, palácio.

Garbo: elegância, graça.

Altivez: orgulho, arrogância.

Sublimar: enaltecer, engrandecer.

considerável, de setenta páginas, em companhia de escritores **doutos**, **lentes** das escolas, antigos Ministros, até Conselheiros d'Estado: a antiguidade da sua raça, mais antiga que o Reino, popularizada por uma história d'heroica beleza, em que com tanto fulgor ressaltavam a bravura e a sober-

ba d'alma dos Ramires; e enfim a seriedade acadêmica do seu espírito, o seu nobre gosto pelas investigações eruditas, aparecendo no momento em que tentava a carreira do Parlamento e da Política!... E o trabalho, a composição moral dos **vetustos** Ramires, a ressurreição arqueológica do viver **afonsino**, as cem tiras de alçaço a atulhar de prosa forte – não o assustavam... Não! porque felizmente já possuía a “sua obra” – e cortada em bom pano, **alinhavada** com linha hábil. Seu tio Duarte, irmão de sua mãe (uma senhora de Guimarães, da casa das Balsas), nos seus anos de ociosidade e imaginação, de 1845 a 1850, entre a sua **carta de bacharel** e o seu **alvará de delegado**, fora poeta – e publicara no *Bardo*, semanário de Guimarães, um poemeto em verso solto, o “Castelo de Santa Ireneia”, que assinara com duas iniciais D. B. Esse castelo era o seu, o **paço** antiquíssimo de que restava a negra torre entre os limoeiros da horta. E o poemeto cantava, com romântico **garbo**, um lance de **altivez** feudal em que se **sublimara** Tructesindo Ramires, alferes-mor de Sancho I, durante



D. Sancho I, segundo rei de Portugal (1185-1211), teve onze filhos legítimos. O terceiro foi o primeiro homem e, logo, seu sucessor. Quando Sancho I morreu, o novo rei, Afonso II (1185-1223), ficou pês da vida com o testamento do pai, que dava terras e dinheiro para os outros filhos, e a briga (contenda) correu feia, tipo conflito armado mesmo. Dois irmãos se mandaram de Portugal com a confusão e teve até uma disputa entre Afonso e as irmãs, as infantas.

as **contendas de Afonso II** e das senhoras Infantas. Esse volume do *Bardo*, encadernado em **marroquim**, com o brasão dos Ramires, o **açor** negro em campo escarlata, ficara no Arquivo da Casa como um trecho da crônica heroica dos Ramires. E muitas vezes **em pequeno** Gonçalo recitara, ensinados pela mamã, os primeiros versos do poema, de tão harmoniosa melancolia:

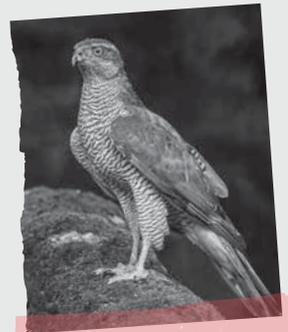
**Na palidez da tarde, entre a folhagem
Que o outono amarelece...**

Era com esse sombrio feito do seu vago **avoengo** que Gonçalo Mendes Ramires decidira em Coimbra, quando os camaradas da *Pátria* e das ceias o aclamavam “o nosso Walter Scott”, compor um romance moderno, dum realismo épico, em dous robustos volumes, formando um estudo ricamente colorido da **Meia Idade** Portuguesa... E agora lhe servia, e com deliciosa facilidade, para essa novela curta e sóbria, de trinta páginas, que convinha aos *Anais*.

No seu quarto do Bragança abriu a varanda. E debruçado, acabando o charuto, na dormiente suavidade da noite de maio, ante a majestade silenciosa do rio e da lua, pensava **regaladamente** que nem teria a canseira d'esmiuçar as crônicas e os fólhos **maçudos**... Com efeito! toda a reconstrução histórica a realizara, e solidamente, com um

E Marroquim é o couro de bode curtido.

f Açor é uma ave de rapina parecida com o falcão, mas maior.



E “Em pequeno” quer dizer “quando era criança”.

Avoengo: antepassado.

Meia Idade: Idade Média.

Regalado: prazeroso, bom.

Maçudo: chato, tedioso.

Destro: habilidoso, ágil.

Carcova é a vala causada pela passagem das águas das chuvas em terrenos argilosos.

Alcáçova: castelo, forte.

Balsão: bandeira, estandarte.

Loriga é uma túnica usada debaixo da armadura.

Surrão é uma espécie de sacola grande.

Regueiro é a vala cavada para a água passar.

Oblato é alguém muito católico que vive como um padre.

Tavolado é um jogo medieval de arremesso em que os participantes tentavam derrubar um castelo feito de tábuas.

Truão: bobo da corte, bufão.

Cuba: barril, tonel.

O Mosteiro de Santa Maria de Lorvão, perto de Coimbra, foi fundado no século IX. Por um tempo, foi um scriptorium, local onde se copiavam livros a mão.

Titi: titio.

saber **destro**, o tio Duarte. O paço acastelado de Santa Ireneia, com as fundas **carcovas**, a torre albarrã, a **alcáçova**, a masmorra, o farol e o **balsão**: o velho Tructesindo, enorme, e os seus flocos de cabelos e barbas ancestrais deramados sobre a **loriga** de malha: os servos mouriscos, de **surrões** de couro, cavando os **regueiros** da horta; os **oblatos** resmungando à lareira as *Vidas dos Santos*; os pajens jogando no campo do **tavolado** – tudo ressurgia, com verídico realce, no poemeto do tio Duarte! Ainda recordava mesmo certos lances: o **truão** açotado; o festim e os uchões que arrombavam as **cubas** de cerveja; a jornada de Violante Ramires para o **mosteiro de Lorvão**...

Junto à fonte mourisca, entre os olmeiros, A cavalgada para...

O enredo todo com a sua paixão de grandeza bárbara, os recontros bravios em que se saciam a punhal os rancores de raça, o heroico falar despedido de lábios de ferro – lá estavam nos versos do **titi**, sonoros e bem balançados...



Monge, escuta! O solar de D. Ramires

Por si, e pedra a pedra, se **aluíra**,
Se jamais um bastardo lhe pisasse,
Com sapato **aviltado**, as lajes puras!

Na realidade só lhe restava transpor as formas fluidas do Romantismo de 1846 para a sua prosa tersa e máscula (como confessava o Castanheiro), de ótima cor arcaica, lembrando *O Bobo*. E era um plágio? Não! A quem, com mais seguro direito do que a ele, Ramires, pertencia a memória dos Ramires históricos? A ressurreição do velho Portugal, tão bela no “Castelo de Santa Ireneia”, não era obra individual do tio Duarte – mas dos Herculanos, dos **Rebelos**, das Academias, da erudição esparsa. E, de resto, quem conhecia hoje esse poemeto, e mesmo o *Bardo*, delgado semanário que perpassara, durante cinco meses, há cinquenta anos, numa vila de província?!... Não hesitou mais, seduzido. E enquanto se despia, depois de beber dois goles um copo d’água com bicarbonato de **soda**, já martelava a primeira linha do conto, à maneira **lapidária da Salambô**: “Era nos Paços de Santa Ireneia, por uma noite d’inverno, na sala alta da alcáçova...”

Ao outro dia, procurou José Lúcio Castanheiro na repartição dos Próprios Nacionais, à pressa, – porque, depois duma conferência no Banco Hipotecário, ainda prometera acompanhar as primas Chelas a uma exposição de bordados na Livraria Gomes. E anunciou ao Patriota que, positivamente, lhe assegurava para o primeiro número dos *Anais* a novela, a que já decidira o título – *A Torre de D. Ramires*:

– Que lhe parece?

Deslumbrado, José Castanheiro atirou os magríssimos braços, resguardados pelas **mangas d’alpaca**, até à **abóbada** do esguio corredor em que o recebera:

– Sublime!... *A Torre de D. Ramires*!... O grande feito de Tructesindo Mendes Ramires contado por Gonçalo Mendes

Aluir: sacudir, abalar.

Aviltado: desonrado, degradado.

g Gaspar Pires de Rebelo (1585-1642) foi um padre e escritor português, autor de *Infortúnios trágicos da constante Florinda*.

t “Soda”, aqui, é o mesmo que “sódio”.

Lapidária se refere às lápides, placas de pedra colocadas sobre as covas para dizer de forma curta e precisa quem está enterrado ali. Estilo característico do romance histórico sobre Cartago, Salambô, escrito pelo francês Gustave Flaubert (1821-80), mesmo autor de Madame Bovary.

t Peça de lã de alpaca que cobria do pulso ao cotovelo para evitar manchar as mangas da camisa com tinta.

Abóbada: cúpula, teto arcado.

E Deão é um padre da Igreja Católica que chefiava o grupo de sacerdotes e que é encarregado de organizar o serviço religioso numa catedral.

E Cartapácio é um livro feito de textos escritos à mão.

E "Desirmanado" é um "livro solitário", sem os outros volumes da coleção.

Resma: conjunto de papéis.

Banca: mesa, escrivaninha.

Congêneres: parecido, semelhante.

E Veiga é uma área plana para cultivo.

Amanhar: lavar, cultivar.

Ramires!... E tudo na mesma Torre! Na Torre o velho Trucetesindo pratica o feito; e setecentos anos depois, na mesma Torre, o nosso Gonçalo conta o feito! Caramba, menino, carambíssima! Isso é que é reatar a tradição!

Duas semanas depois, de volta a Santa Ireneia, Gonçalo mandou um criado da quinta, com uma carroça, a Oliveira, a casa de seu cunhado José Barrolo, casado com Gracinha Ramires, para lhe trazer da rica Livraria clássica que o Barrolo herdara do tio **deão** da Sé, todos os volumes da *História Genealógica* – “e (acrescentava numa carta) todos os **cartapácios** que por lá encontrares com o título de ‘Crônicas do Rei Fulano’...”. Depois, do pó das suas estantes, desenterrou as obras de Walter Scott, volumes **desirmanados** do *Panorama*, a *História* de Herculano, *O Bobo*, o *Monge de Cister*. E assim abastecido, com uma farta **resma** de tiras d’almoço sobre a **banca**, começou a repassar o poemeto do tio Duarte, inclinado ainda a transpor para a aspereza duma manhã de dezembro, como mais **congêneres** com a rudeza feudal dos seus avós, aquela luzida cavalgada de donas, monges e homens d’armas que o tio Duarte estendera, através duma suave melancolia outonal, pelas **veigas** do Mondego...

Na palidez da tarde, entre a folhagem

Que o outono amarelece...

Mas, como era então junho e a lua crescia, Gonçalo determinou por fim aproveitar as sensações de calor, luar e arvoredos, que lhe fornecia a aldeia – para levantar, logo à entrada da sua novela, negro e imenso Paço de Santa Ireneia, no silêncio duma noite d’agosto, sob o resplendor da lua cheia.

E já enchera desembaraçadamente, ajudado pelo *Barrolo*, duas tiras, quando uma desavença com o seu caseiro, o Manuel Relho, que **amanhava** a quinta por oitocentos mil-réis de renda, veio perturbar, na fresca e noviça inspiração

do seu trabalho, o Fidalgo da Torre. Desde o Natal o Relho, que durante anos de compostura e ordem se **emborrachava** sempre aos domingos com alegria e com **pachorra**, começara a tomar, três e quatro vezes por semana, bebedeiras **desabridas**, escandalosas, em que espancava a mulher, atroava a quinta de berros, e saltava para a estrada, **esguedelhado**, de **varapau**, desafiando a quieta aldeia. Por fim, uma noite em que Gonçalo, à banca, depois do chá, laboriosamente escavava os fossos do Paço de Santa Ireneia – de repente a Rosa cozinheira rompeu a gritar: “Aqui d’El-Rei contra o Relho!”. E, através dos seus brados e dos latidos dos cães, uma pedra, depois outra, bateram na varanda venerável da **Livraria!** Enfiado, Gonçalo Mendes Ramires pensou no revólver... Mas justamente nessa tarde o criado, o Bento, descera aquela sua velha e única arma à cozinha para a desenferrujar e arear! Então, atarantado, correu ao quarto, que fechou à chave, empurrando contra a porta a cômoda com tão desesperada ansiedade que frascos de cristal, um cofre de tartaruga, até um crucifixo, tombaram e se partiram. Depois gritos e latidos findaram no pátio – mas Gonçalo não se arredou nessa noite daquele refúgio bem defendido, fumando cigarros, ruminando um furor sentimental contra o Relho, a quem tanto perdoara, sempre tão afavelmente tratara, e que apedrejava as vidraças da Torre! Cedo, de manhã convocou o **regedor**; a Rosa, ainda trêmula, mostrou no braço as marcas roxas dos dedos do Relho; e o homem, cujo arrendamento findava em outubro, foi despedido da quinta com a mulher, a **arca e o catre**. Imediatamente apareceu um lavrador dos Bravais, o José Casco, respeitado em toda a freguesia pela sua seriedade e força espantosa, propondo ao fidalgo arrendar a Torre. Gonçalo Mendes Ramires porém, já desde a morte do pai, decidira elevar a renda a novecentos e cinquenta mil-réis – e o Casco desceu as escadas, de cabeça **descaída**. Voltou logo ao outro dia, repercorreu miudamente toda a quinta, esfarelou a terra entre os dedos, esquadrinhou o curral e a adega, contou as oliveiras e as **cepas**: e num esforço, em que lhe arfaram todas as costelas, ofereceu novecentos e dez mil-réis! Gonçalo não cedia, certo da sua **equidade**. O José Casco voltou ainda com a mulher; depois, num domingo, com a mulher e um compadre – e era um coçar lento do queixo rapado, umas

Emborrachar: embriagar, embebedar.

Pachorra: lerdeza, vagareza.

Desabrido: rude, selvagem.

Esguedelhado: despen-teado, descabelado.

Varapau: cajado, vara.

Livraria: biblioteca.

E Regedor é uma antiga autoridade da administração portuguesa, espécie de prefeito nomeado.

E Traduzindo: o baú (arca) e a cama (catre).

Descaído: abatido, tombado.

Cepa: videira, parreira.

Equidade: isonomia, igualdade.

E Eira é um pátio para secar e descascar cereais e outros grãos.

T Tulha é um depósito de azeitonas, cereais ou frutas secas também chamado de paiol ou celeiro.

F Fosfatos são um tipo de fertilizante.

C Cordoveias são as veias e tendões do pescoço humano.

A Ansiado: angustiado, desesperado.

R Reixa: grade, gelosia.

M Morrião: elmo, capacete.

D Descorçoado: desanimado, desalentado.

voltas desconfiadas em torno da **eira** e da horta, umas demoras sumidas dentro da **tulha**, que tornavam aquela manhã de junho intoleravelmente longa ao Fidalgo, sentado num banco de pedra do jardim, debaixo duma mimosa, com a *Gazeta do Porto*. Quando o Casco, pálido, lhe veio oferecer novecentos e trinta mil-réis – Gonçalo Mendes Ramires arremessou o jornal, declarou que ia ele, por sua conta, amanhoar a propriedade, mostrar o que era um torrão rico, tratado pelo saber moderno, com **fosfatos**, com máquinas! O homem de Bravais, então, arrancou um fundo suspiro, aceitou os novecentos e cinquenta mil-réis. À maneira antiga o Fidalgo apertou a mão ao lavrador – que entrou na cozinha a enxugar um largo copo de vinho, esponjando na testa, nas **cordoveias** rijas do pescoço, o suor **ansiado** que o alagava.

Mas, como entulhada por estes cuidados, a veia abundante de Gonçalo estancou – não foi mais que um fio arrastado e turvo. Quando nessa tarde se acomodou à banca, para contar a sala d'armas do Paço de Santa Irenéia por uma noite de lua – só conseguiu converter servilmente numa prosa aguada os versos lisos do tio Duarte, sem relevo que os modernizasse, desse majestade senhorial ou beleza saudosa àqueles maciços muros onde o luar, deslizando através das **reixas**, salpicava centelhas pelas pontas das lanças altas, e pela cimeira dos **morriões**... E desde as quatro horas, no calor e silêncio do domingo de junho, labutava, empurrando a pena como lento arado em chão pedregoso, riscando logo rancorosamente a linha que sentia deselegante e mole, ora num rebuliço, a sacudir e reenfiar sob a mesa os chinelos de marroquim, ora imóvel e abandonado à esterilidade que o travava, com os olhos esquecidos na Torre, na sua difícilíssima Torre, negra entre os limoeiros e o azul, toda envolta no piar e esvoaçar das andorinhas.

Por fim, **descorçoado**, arrojou a pena que tão desastrosamente emperrara. E fechando na gaveta, com uma pancada, o volume precioso do *Bardo*:

– Irra! Estou perfeitamente entupido! É este calor! E depois aquele animal do Casco, toda a manhã!...

Ainda releu, coçando sombriamente a nuca, a derradeira linha rabiscada e suja:

– “... Na sala altaneira e larga, onde os largos e pálidos raios da lua...” Larga, largos!... E os pálidos raios, os eternos *pálidos raios!*... Também este maldito castelo, tão complicado!... E este D. Tructesindo, que eu não **apanho**, tão antigo! Enfim, um horror!

Atirou, num **repelão**, a cadeira de couro: cravou, com furor, um charuto nos dentes; – e abalou da Livraria, batendo desesperadamente a porta, num tédio imenso da sua obra, daqueles confusos e enredados Paços de Santa Ireneia, e dos seus avós, enormes, **ressoantes**, **chapeados** de ferro, e mais vagos que fumos.

E “Apanhar” aqui significa “compreender”, “entender”.

Repelão: ataque, agressão.

Ressoante: estrondoso, retumbante.

E Chapeado é o que foi reforçado com chapa de ferro.

PANDA BOOKS